



O fogo no campo

Dinâmica 1

9º Ano | 3º Bimestre

DISCIPLINA	SÉRIE	CONCEITOS	OBJETIVO
Língua Portuguesa	Ensino Fundamental 9º ano	O tema do texto	Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho.

DINÂMICA	O fogo no campo.
HABILIDADE PRINCIPAL	H04- Identificar o tema de um texto.
HABILIDADES ASSOCIADAS	H21 - Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem textos narrativos.
CURRÍCULO MÍNIMO	Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho.

Organização da dinâmica:

Professor/a, nesta dinâmica você desenvolverá as seguintes fases com seus alunos:

	FASES	ATIVIDADE	TEMPO ESTIMADO	ORGANIZAÇÃO	REGISTRO
1	Apresentação da dinâmica	Leitura e debate dos textos	20 min	Individual	Oral
2	Sistematização do conteúdo	Produção textual I	30min	Individual	Escrito
3	Análise e produção	Produção textual II	30 min	Grupo	Oral/Escrito.
4	Autoavaliação	Questão do Saerjinho	20 min	Individual	Escrito

ETAPA 1

APRESENTAÇÃO DA DINÂMICA



LEITURA E ANÁLISE DOS TEXTOS

O objetivo desta dinâmica é levar o aluno a perceber, em textos do tipo narrativo, a forma como o autor apresenta e desenvolve o tema que se propõe a abordar. Ao longo das etapas propostas, o aluno será levado a produzir um texto a partir de um tema sugerido e, em seguida, elaborar um pequeno parágrafo em que dê conta da elaboração de uma síntese acerca de um mesmo assunto apresentado sob pontos de vista diferentes.

Hoje iremos começar nossa atividade com a leitura de um trecho de uma obra ímpar da literatura brasileira: *Memórias de um sargento de milícias*. Nesse capítulo, conheceremos o protagonista, Leonardo, e suas patuscadas. Esse romance trata de uma novela que foi publicada em folhetim, ou seja, por partes num periódico, de tal forma que cada capítulo apresenta um episódio.

Condução da atividade

- Leia para os alunos o Texto I.
- Inicie o debate questionando alguns alunos sobre suas experiências com fogos de artifício.

- *Faça uma breve sinopse do romance Memórias de um sargento de milícias, abordando as aventuras de Leonardo Pataca.*
- *Caso seja necessário, coloque a música “Memórias de um sargento de milícias”, de Martinho da Vila, que faz um breve resumo da obra.*
- *Apresente aos alunos os significados das palavras que não pertencem ao universo linguístico deles e que foram apontadas na leitura.*
- *Ao final da leitura, conduza um debate com os alunos para que eles atrelem o título ao texto lido. Será importante que os alunos indiquem, nesse momento, o tema do texto para que as atividades sejam realizadas com sucesso.*



Orientações didático-pedagógicas

Professor/a,

A primeira condição para o pensamento é o conhecimento prévio. Assim como a linguagem, o pensamento sempre tem um tema. E exatamente como não podemos falar ou escrever de forma competente se não sabemos o que estamos falando, também não é possível demonstrar o pensamento de qualquer modo, se não compreendemos o que é esperado que pensemos ou tentemos pensar.

Se tenho dificuldades para entender um artigo sobre física nuclear, isto não ocorre porque sou incapaz de extrair conclusões, fazer inferências, acompanhar os argumentos ou solucionar problemas, mas porque não sei o suficiente sobre física nuclear. E os bons físicos nucleares não são, necessariamente, bons escritores, jogadores de xadrez ou mecânicos de automóveis (SMITH, 1989).

Na dinâmica que ora se inicia, junto com os alunos, o objetivo é reforçar o estudo sobre o tema de um texto por meio da leitura atenta dos textos de apoio ou pela realização das atividades. A intenção é perceber que o tema resulta do tratamento dado pelo autor a um distinto assunto que pode ser tratado de maneira díspar por outros.



O FOGO NO CAMPO – Manuel Antônio de Almeida

À hora determinada vieram os dois, padrinho e afilhado, buscar D. Maria e sua família, segundo haviam tratado: era pouco depois de ave-maria, e já se encontrava pelas ruas grande multidão de famílias, de ranchos de pessoas que se dirigiam uns para o Campo e outros para a Lapa, onde, como é sabido, também se festejava o Divino. Leonardo caminhava parecendo completamente alheio ao que se passava em roda dele; tropeçava e abalroava nos que encontrava; uma ideia única roía-lhe o miolo; se lhe perguntassem que ideia era essa, talvez mesmo o não soubesse dizer. Chegaram enfim mais depressa do que supusera o barbeiro, porque o Leonardo parecia naquela noite ter asas nos pés, tão rapidamente caminhara e obrigara o padrinho a caminhar com ele.

D. Maria estava já pronta e os esperava com algumas outras pessoas com quem também tratara ir de companhia, e em um momento puseram-se a caminho. Formavam todos um grande rancho acompanhado por não pequeno número de negras e negrinhas escravas e crias de D. Maria, que levavam cestos com comida e esteiras. D. Maria deu o braço ao compadre, e o mesmo fizeram as outras senhoras aos demais cavalheiros. Por gracejo D. Maria fez com que o Leonardo desse o braço a sua sobrinha; ele aceitou a incumbência com gosto, mas não sem ficar alguma coisa atrapalhado, e deu na pobre menina alguns encontrões, embaraçado por não saber se lhe daria a esquerda ou a direita; finalmente acertou, e deu-lhe a esquerda, ficando ele do lado da parede. Ofereceu-lhe o braço, porém Luisinha (tratemo-la desde já por seu nome) pareceu não entender o oferecimento ou não dar fé dele. Contentou-se pois o Leonardo em caminhar ao seu lado.

Assim chegaram ao Campo, que estava cheio de gente. Nesse tempo ainda se não usavam as barracas de bonecos, de sortes, de raridades e de teatros, como hoje: usavam-se apenas algumas que serviam de *casas de pasto*. Depois de passarem por diante delas, D. Maria e a sua gente se dirigiram para o Império. Luisinha estava atônita no meio de todo aquele movimento, diante daquele espetáculo que via pela primeira vez, pois era verdade o que dissera D. Maria: no tempo de seu pai raras ou nenhuma vez saía de casa. Assim, sem o saber, parava algumas vezes embasbacada a olhar para qualquer coisa, e o Leonardo muitas vezes via-se forçado a puxar-lhe pelo braço para obrigá-la a prosseguir.

(...)

Nas escadas do Império fazia-se leilão como ainda hoje, divertindo-se muito o povo ali apinhado com as graçolas pesadas do pregoeiro. Estiveram aí algum tempo entretidos os nossos conhecidos, e foram depois procurar no meio do Campo um lugar onde pudessem fazer alto para cear e ver o fogo. Acharam-no, não sem alguma dificuldade, pois que muitas outras famílias se haviam adiantado e tomado as melhores posições. Grande parte do Campo estava já coberta daqueles ranchos sentados em esteiras, ceando, conversando, cantando modinhas ao som de guitarra e viola. Fazia gosto passear por entre eles, e ouvir aqui a anedota que contava um conviva de bom gosto, ali a modinha cantada naquele tom apaixonadamente poético que faz uma das nossas raras originalidades, apreciar aquele movimento e animação que geralmente reinavam. Era essa a parte (permitam-nos a expressão) verdadeiramente divertida do divertimento.

Os nossos conhecidos sentaram-se com os outros em roda de suas esteiras, e começaram a cear. Leonardo, apesar das emoções novas que experimentava desde certo tempo, e principalmente naquela noite, nem por isso perdeu o apetite, e esqueceu-se por algum tempo de sua companheira para cuidar unicamente do seu prato. No melhor da ceia foram interrompidos pelo ronco de um foguete que subia: era o fogo que começava. Luisinha estremeceu, ergueu a cabeça, e pela primeira vez deixou ouvir sua voz, exclamando extasiada ao ver cair as lágrimas inflamadas do foguete que aclavam todo o Campo:

— Olhe, olhe, olhe!...

Alguns dos circunstantes desataram a rir; o Leonardo deu o cavaco com aquelas risadas, e as achou muito fora de tempo. Felizmente Luisinha estava por tal maneira extasiada, que não deu atenção a coisa alguma, e enquanto duraram os foguetes não tirou os olhos do céu.

Aos foguetes seguiram-se, como sabem os leitores, as rodas. Nessa ocasião o êxtase da menina passou a frenesi; aplaudia com entusiasmo, erguia o pescoço por cima das cabeças da multidão, tinha desejos de ter duas ou três varas de comprido para ver tudo a seu gosto. Sem saber como, unia-se ao Leonardo, firmava-se com as mãos sobre os seus ombros para se poder sustentar mais tempo nas pontas dos pés, falava-lhe e comunicava-lhe a sua admiração! O contentamento acabou por familiarizá-la completamente com ele. Quando se atacou a lua, a sua admiração foi tão grande que, querendo firmar-se nos ombros de Leonardo, deu-lhe quase um abraço pelas costas. O Leonardo estremeceu por dentro, e pediu ao céu que a lua fosse eterna; virando o rosto, viu sobre seus ombros aquela cabeça de menina iluminada pelo clarão pálido do misto que ardia, e ficou também por sua vez extasiado; pareceu-lhe então o rosto mais lindo que jamais vira, e admirou-se profundamente de que tivesse podido alguma vez rir-se dela e achá-la feia.

Acabado o fogo, tudo se pôs em andamento, levantaram-se as esteiras, espalhou-se o povo. D. Maria e sua gente puseram-se também em marcha para casa, guardando a mesma disposição com que tinham vindo. Desta vez porém Luisinha e Leonardo, não é dizer que vieram de braço, como este último tinha querido quando foram para o Campo, foram mais adiante do que isso, vieram de mãos dadas muito familiar e ingenuamente. Este *ingenuamente* não sabemos se poderá com razão aplicar ao Leonardo. Conversaram por todo o caminho como se fossem dois conhecidos muito antigos, dois irmãos de infância, e tão distraídos iam que passaram à porta da casa sem parar, e já estavam muito adiante quando os sios de D. Maria os fizeram voltar. A despedida foi alegre para todos e tristíssima para os dois. Entretanto, como sempre que se despedia, o compadre prometeu voltar, e isso serviu de algum alívio, especialmente ao Leonardo, que tomara tudo o que se acabava de passar mais em grosso.

Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000235.pdf>. Acesso em 18 abr. de 2012.

ETAPA 2

SISTEMATIZAÇÃO DO CONTEÚDO



Com a leitura do Texto I, percebemos a emoção de Luisinha ao deparar-se pela primeira vez com queima de fogos estourando no céu. Só compreendemos o título do texto ao o atrelarmos com seu tema. Não é uma das tarefas mais fáceis identificar o tema de um texto, mas, em alguns casos, o título contribui para desvendá-lo. Um mesmo tema pode ser apresentado de várias maneiras, dependendo da criatividade do autor.

Nesse momento, faremos uma experiência de relatar nosso primeiro contato com fogos de artifício. Não esqueça que aqueles que não se lembram desse momento podem recorrer à imaginação para a conclusão da atividade. Agora, escolha um título bem criativo, que se relacione com o sua narração, e mãos à obra.

Condução da atividade

- *Relate para os alunos alguma experiência pessoal com fogos de artifício para que eles sejam estimulados para a escrita.*
- *Indique algumas situações que podem ocorrer, por exemplo: pessoas que têm medo do barulho, a euforia das crianças, os acidentes que podem acontecer, a festa de final de ano, dentre outras.*
- *Não se esqueça de mencionar que o relato de cunho narrativo tem que obedecer a uma estrutura: apresentação, complicação, clímax e desfecho.*



Orientações didático-pedagógicas

Professor/a,

Sabendo que a literatura se transforma para o estudante num exercício de interpretação, o escritor pega alguma coisa, transforma essa coisa, essa narrativa, em algo hermético e entrega para que os estudantes decifrem.

Em outras palavras, o professor adquire o papel do guardião da esfinge. (...) Nós justificamos o papel do professor como guardião da esfinge. Ele é que vai determinar o caminho literário do seu estudante. Se, por outro lado, nós acreditamos que a pessoa chega aos livros de acordo com aquilo que ela é, nós temos no professor um outro papel. O papel do mediador emocional.

Temos, então, dois papéis possíveis para o professor: o professor como guardião da esfinge e o professor como mediador emocional. O professor como recriador – aos olhos de seu aluno – do texto literário (SCLIAR, 1992, p. 152).



Nessa atividade, você atuará como mediador da leitura e da escrita. Por isso, é importante orientar os alunos para a realização das tarefas. Considerando a faixa etária deles, sabemos que seu conhecimento de mundo será reduzido comparando com o seu. Nesse caso, a sua direção da atividade será essencial para o sucesso da mesma. Numa oficina textual, como em cada ação docente, é importante o professor perceber o seu significado no desempenho discente, pois é ele quem irá conduzir os alunos para o êxito.

Resposta comentada

Nessa atividade, por se tratar de relato individual e solitário, cada aluno irá compor seu texto, de tal forma que a resposta será de cunho pessoal.



Manuel Antônio de Almeida

A única obra de Manuel Antônio de Almeida, Memórias de um sargento de milícias (1854-1855), foi inicialmente publicada anonimamente em folhetins, entre os anos de 1852 e 1853, pelo Correio Mercantil.

Classificado pela crítica moderna como romance picaresco (isto é, uma crítica de costumes, sob a ótica da ironia, com finalidade moralista), não fez muito sucesso na época em que apareceu, sendo que seu prestígio só cresceu após o romantismo. A caricatura é, pois, a tônica do romance de Manuel Antônio de Almeida, vazada numa linguagem completamente diferente da costumeira na época – talvez daí seu insucesso.

Leonardo – personagem central da obra – é, conforme Antonio Candido comentou em “Dialética da malandragem” (artigo para a Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 8, 1970), “o primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira, vindo de uma tradição folclórica e correspondendo, mais do que se costuma dizer, a certa atmosfera cômica e popularesca de seu tempo no Brasil”.

O meirinho Leonardo Pataca e Maria da Hortaliça têm o filho ilegítimo – Leonardo –, cuja infância, rica em aventuras, travessuras, desemboca na adolescência com as primeiras ilusões amorosas. É nessa fase que passa por inúmeras peripécias: também aí emerge o Rio de Janeiro, como um pano de fundo, como se lê na abertura do romance:

Era no tempo do rei.

Uma das quatro esquinas que formavam as ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo – O canto dos meirinhos.

Tipos populares, ambientes e costumes do velho Rio de Janeiro desfilam os olhos no leitor. Leonardo – mestre de todas as malandragens – é alistado no Exército (a “tropa”), mas não permanece como soldado menor. Logo é alçado a sargento e consegue passar para a reserva. Desposa, então, Luisinha, uma viúva a quem cobiça há tempo (ABDALA JUNIOR et CAMPEDELLI, 1990, p. 111).



ETAPA 3

ANÁLISE E PRODUÇÃO



Condução da atividade

- *Divida a turma em grupos a seu critério.*
- *Faça a leitura dos textos e esclareça as dúvidas dos alunos quanto ao vocabulário.*
- *Ambas as figuras femininas são descritas como atraentes. Há, no entanto, uma diferença temática: cada texto constrói um modelo diferente de feminilidade. No Texto I, o narrador apresenta a mulher sob o ponto de vista de suas qualidades psíquicas. Enquanto no Texto II a mulher é descrita sob o ponto de vista de suas qualidades físicas. Espera-se que os alunos cheguem a essa conclusão.*
- *Ao final da atividade, promova um debate entre os grupos de forma que cada um apresente sua análise.*



Orientações didático-pedagógicas

Professor/a,

Nesta atividade, o aluno entrará em contato com mais dois textos clássicos da nossa literatura. A partir da leitura atenta, eles terão, em grupo, que identificar o tema de cada texto para dar sequência ao estudo temático de nossa dinâmica. Ao trazer esses textos, colocamos os alunos em contato com a linguagem mais culta e próxima daquela que será estudada nos próximos anos de ensino, ou seja, essas leituras proporcionarão um estudo propedêutico.

“Analisando os textos que costumam ser considerados adequados para os leitores iniciantes, novamente aparece a confusão entre a capacidade de interpretar e produzir discurso e a capacidade de ler sozinho e escrever do próprio punho. Ao aluno são oferecidos textos curtos, de poucas frases, simplificado, às vezes, até o limite da indigência.

(...) Por trás da boa intenção de promover a aproximação entre as crianças e textos há um equívoco de origem: tenta-se aproximar os textos das crianças – simplificando-os –, no lugar de aproximar as crianças dos textos de qualidade.

Não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura” (PCN, 1998, p. 36).



TEXTO I

Não é possível idear nada mais puro e harmonioso do que o perfil dessa estátua de moça.

Era alta e esbelta. Tinha um desses talhes flexíveis e lançados, que são hastes de lírio para o rosto gentil; porém na mesma delicadeza do porte esculpam-se os contornos mais graciosos com firme nitidez das linhas e uma deliciosa suavidade nos relevos.

Não era alva, também não era morena. Tinha sua tez a cor das pétalas da magnólia, quando vão desfalecendo ao beijo do sol. Mimosa cor de mulher, se a aveluda a pubescência juvenil, e a luz coa pelo fino tecido, e um sangue puro a escumilha de róseo matiz. A dela era assim.

Uma altivez de rainha cingia-lhe a fronte, como diadema cintilando na cabeça de um anjo. Havia em toda a sua pessoa um quer que fosse de sublime e excelso que abstraía da terra. Contemplando-a naquele instante de enlevo, dir-se-ia que ela se preparava para a sua celeste ascensão.

ALENCAR, José de. **Diva**. São Paulo: Ática, 1993, p. 18.

TEXTO II

Era muito bem feita de quadris e ombros. Espartilhada, como estava naquele momento, a volta enérgica da cintura e a suave protuberância dos seios produziam nos sentidos de quem a contemplava de perto uma deliciosa impressão artística.

Sentia-se-lhe dentro das mangas do vestido a trêmula carnadura dos braços; e os pulsos pareciam nus, muito brancos, chamalotados de veiazinhas sutis, que se prolongavam serpeando. Tinha as mãos finas e bem tratadas, os dedos longos e roliços, a palma cor-de-rosa e as unhas curvas como o bico de um papagaio.

Sem ser verdadeiramente bonita de rosto, era muito simpática e graciosa. Tez macia, de uma palidez fresca de camélia; olhos escuros, um pouco preguiçosos, bem guarnecidos e penetrantes; nariz curto, um nadinha arrebitado, beijos polpudos e viçosos, à maneira de uma fruta que provoca o apetite e dá vontade de morder. Usava o cabelo cofiado em franjas sobre a testa, e, quando queria ver ao longe, tinha de costume apertar as pálpebras e abrir ligeiramente a boca.

AZEVEDO, Aluísio de. **Casa de pensão**. São Paulo: Ática, 1992, p.78.

Após a leitura atenta dos textos e divididos em grupos, discuta como cada autor trabalha o mesmo tema. Como, em cada texto, é apresentada a visão da mulher? Quais as diferenças e as semelhanças? Como é construído o modelo de feminilidade?

O grupo responderá aos questionamentos em um parágrafo e depois apresentará aos demais alunos.

Caleidoscópio

CIÊNCIA E MAGIA DOS FOGOS DE ARTIFÍCIO

Um espetáculo pirotécnico desperta em qualquer pessoa a impressão de magia. Mas os cientistas garantem: os desenhos multicoloridos no céu são uma maravilhosa questão de Química.

por Lúcia Helena de Oliveira

Ouve-se um assovio distante, até ocorrer a explosão em cores. O céu escuro fica estampado com riscos azuis, faíscas vermelhas, estrelinhas de ouro e chuva de prata. Surpreendem, então, luzes brancas como as de um raio e sons que imitam trovões. Esse espetáculo poderia perfeitamente ter acontecido no aniversário de uma cidade, em uma final de Copa do Mundo, em uma festa junina ou na entrada do Ano-Novo. Pois, afinal, os fogos de artifício são velhos convidados nas grandes celebrações, desde que os chineses, inventores da pólvora, começaram a utilizar tiros coloridos de morteiros, há cerca de 1.000 anos, para anunciar a vitória nas guerras. Mas só recentemente os cientistas começaram a desvendar o esplendor dessa antiga forma de comemorar, graças aos avanços da chamada pirotecnia — do grego, a arte de empregar o fogo.

O interesse dos pesquisadores não é gratuito. Na verdade, os princípios dos fogos de artifício valem para desenvolver desde sinalizadores de emergências mais eficientes até propulsores para os modernos ônibus espaciais. Tudo, em suma, é uma questão de controlar o processo da combustão, porque há maneiras e maneiras de uma substância queimar. Para que os fogos produzam esse, e não aquele, efeito visual é necessário obter uma temperatura determinada da chama e calcular a dosagem exata de gás liberado durante a combustão. Para isso, os fogueteiros não devem errar na proporção dos componentes químicos. Quando um ingrediente entra de mais ou de menos, um leque de faíscas esverdeadas, por exemplo, pode se transformar em um borrão cor de laranja. As receitas de fogos de artifício são cheias de truques. E, para complicar, as fórmulas são mantidas em segredo, passadas de geração em geração, por famílias de tradicionais fogueteiros. O que facilita o sigilo, comum no mundo inteiro, é o fato de a indústria pirotécnica ser artesanal. Pois é impossível usar máquinas quando se trabalha com pólvora negra, a milenar invenção da China, que explode quando há atrito ou faísca. Em 1242, o monge inglês Roger Bacon (1220-1292) desvendou a fórmula do explosivo oriental, mas preferiu escrevê-la em código, por considerá-lo perigoso.

(...)

Nem sempre a pirotecnia se encarrega de obter luzes coloridas. Nos anos 30, cientistas americanos constataram que, ao se acender a combinação de siliceto de cálcio e óxido de ferro, gera-se calor, mas nenhuma luz ou gás. Por isso, na Segunda Guerra Mundial, essa mistura pirotécnica foi usada em latas de alimentos, equipadas com estopins: graças à ausência de chama, os soldados podiam aquecer a comida sem alertar os inimigos. Hoje, pesquisam-se misturas pirotécnicas até para os propulsores dos ônibus espaciais. Fusíveis de tempo, como os dos fogos, são usados nos aviões com cadeiras ejetáveis de emergência. Quando se aperta determinado botão, explode o teto da nave; o estouro aciona o fusível de tempo, que cuidará da ignição da carga de dinamite sob o chão blindado.

Desse modo, não existe o risco de a cadeira ser lançada antes de o teto ser destruído, matando o piloto. Mas, para os especialistas em combustão, o desafio mais recente foi conseguir sinalizadores para a Marinha, especiais para a luz do dia, que ofusca as faíscas dos fogos. O ideal seria uma bomba de fumaça colorida, mas o calor alcançado pelos fogos convencionais provocava a decomposição dos ingredientes corantes. O problema foi resolvido quando se descobriu uma substância para a carga dos sinalizadores, capaz de queimar em baixíssimas temperaturas, sem destruir os corantes: o açúcar.

Texto adaptado.

Disponível em: <http://super.abril.com.br/ciencia/quimica-pirotecnia-ciencia-magia-fogos-artificio-439684.shtml>. Acesso em: 19 mar. 2013.



ETAPA 4

AUTOAVALIAÇÃO



QUESTÃO DO SAERJINHO

Orientações didático-pedagógicas

Professor/a,

Esse exercício do SAERJINHO traz para o aluno o contato com um gênero textual diferente do Texto I. O contato com a diversidade de gêneros faz com que os alunos interajam com o meio discursivo do qual fazem parte, ou seja, textos jornalísticos, científicos ou acadêmicos são importantes para a formação do repertório linguístico dos alunos para sua aplicação na sociedade.

“Ainda que considere que, no espaço escolar, muitas vezes as atividades de produção de textos destinam-se a possibilitar que os alunos desenvolvam melhor competência para a recepção, a discrepância entre as indicações de gêneros apresentadas para a prática de escuta e leitura e para a de produção procura levar em conta os usos sociais mais frequentes dos textos, no que se refere aos gêneros selecionados, pode-se dizer que as pessoas leem muito mais do que escrevem, escutam muito mais do que falam” (PCN, 1998, p. 53).

Esse exercício contemplará essas duas visões do ensino: a formação do conhecimento de mundo do aluno e também sua aplicação no conteúdo abordado nesta dinâmica. Cabe ressaltar que esta atividade servirá de exemplo para as avaliações internas e externas que os alunos praticarão ao longo de sua jornada escolar.



Leia o texto:

OS MELHORES AMIGOS DO HOMEM

Uma experiência pequena, mas com resultados animadores, está empolgando pesquisadores da faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo. O trabalho, coordenado pelo Prof. Marcelo Ribeiro, consiste em usar animais a ajudar crianças deficientes mentais a melhorar o desempenho escolar. As crianças cuidam de cabras, coelhos, peixes etc. Durante as atividades, aprendem conceitos e desenvolvem habilidades de maneira fácil e divertida. Além da evolução no aprendizado, os pequenos ganham um sentimento que muitos nem sequer haviam experimentado: autoestima.

Essa pequena sensação enche de alegria o coração do menino Leonardo Neves, 11 anos, cada vez que ele monta o cavalo Pantanal. Tetraplégico de nascença (faltou oxigênio durante o parto), Leonardo hoje é capaz de feitos que, tempos atrás, eram inimagináveis.

Na verdade, o uso de animais no tratamento de várias doenças tem sido um recurso cada vez mais utilizado. Várias pesquisas demonstram que os bichos têm um fabuloso poder terapêutico. “Eles são remédios vivos”, afirma a veterinária Hannelore Fuchs, uma das principais especialistas no assunto no país. De acordo com a pesquisa do cientista Dennis Turner, professor da Universidade de Duke (Estados Unidos), por exemplo, o contato com animais ajuda a reduzir a pressão sanguínea, a diminuir os níveis de colesterol.

Revista Isto É, 11 fev. 2004. Fragmento. *Adaptado: Reforma Ortográfica. (P090071EX_SUP)

QUESTÃO 01 (P090071EX)

Qual o tema desse texto?

- A) Os tratamentos com o uso de animais.
- B) Os cuidados com crianças especiais.
- C) O resultado de pesquisas acadêmicas com animais.
- D) O relacionamento do homem com os animais.

Resposta comentada

A resposta correta é a letra “A”. Ao ler o texto, percebemos o relato de que diversas crianças, após o tratamento com o contato direto com os animais, melhoram seu desempenho escolar, sua autoestima. A Letra “B” não está correta, pois o texto não dialoga diretamente com o tema de crianças com necessidades especiais, é somente um dos exemplos para a tessitura do texto. A letra “C” não está correta, por não evidenciar os resultados com os animais, mas sim com as crianças que têm contato com eles. A letra “D” não está correta, pois não está em voga o relacionamento homem-animal.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDALA JUNIOR, B.; CAMPEDELLI, S. Y. **Tempos da literatura brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.
- ALMEIDA, Manuel Antônio. O fogo no campo. In: **Memórias de um sargento de milícias**. São Paulo: O Globo, 1997, p. 70-73.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. Terceiro e quarto ciclo do Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

- SCLIAR, M. Função educativa da leitura literária In: **Anais do 8º Congresso de Leitura do Brasil**. Campinas: Unicamp, 1992.
- SMITH, F. **Compreendendo a leitura**: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

LEITURA COMPLEMENTAR PARA O ALUNO

- CASTRO, R. **Era no tempo do rei**: Um romance da chegada da corte. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.

Os heróis de *Era no tempo do rei* são o príncipe D. Pedro e seu amigo Leonardo, um menino de rua, ambos com 12 anos. Os dois garotos, igualmente endiabrados, tomam a cidade de assalto envolvendo-se nas mais empolgadas situações. Como pano de fundo, a luta de poder no Brasil, em Portugal e nas colônias espanholas no Prata. *Era no tempo do rei* é um romance malandro e picaresco, com tudo que significa: crítica, sátira, humor e muita ação. É também uma festa de cheiros, comidas, roupas, costumes, palavras e expressões da época.

É uma trama artilosa juntando dois empolgantes protagonistas: os meninos Pedro e Leonardo – o primeiro, o futuro imperador; o outro, um personagem já vindo da ficção: o peralta criado por Manuel Antônio de Almeida em seu romance *Memórias de um sargento de milícias*. Homenagem explícita a este, que é um dos clássicos mais saborosos da nossa literatura, *Era no tempo do rei* é também um hino ao Rio e à amizade entre dois garotos, tão diferentes em suas origens e tão semelhantes na ousadia e no amor pela aventura.

LEITURA COMPLEMENTAR PARA O PROFESSOR

- MAGNANI, M. R. M. **Leitura, literatura e escola**: sobre a formação do gosto. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Neste livro, o pano de fundo é a concepção de literatura como fenômeno social e histórico, caracterizando-se, assim, o texto (dito) literário como um conjunto de códigos, conjunto esse que envolve tanto as condições de emergência e utilização de determinados escritos em determinadas épocas como o funcionamento social da língua. As primeiras reflexões da obra procuram entender o papel da literatura na formação de crianças e jovens.

